

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

AGOSTINHO FERNANDES ROCHA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

Redacção e Administração: Rua Elias Garcia, 46. — Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES

O 13 DE FEVEREIRO EM GUIMARÃES

Milhares de cidadãos aclamam, na rua, a Republica.
— Um banquete de confraternização. — O illustre director da Faculdade de Letras do Porto, Dr. Leonardo Coimbra, faz uma brilhante conferencia no teatro de D. Afonso Henriques

Foram brilhantissimas as festas que a digna direcção do Centro Republicano de Guimarães, promoveu em comemoração do desaparecimento desse horrivel pesadelo que foi o dezembrismo com o seu inevitavel e antesabido desfecho da traulitania do Monte Pedral.

O povo de Guimarães mostrou, pelo entusiasmo com que se associou a essas festas, que já vai sendo tempo de se ir desvanecendo essa fama humilhante que ia a toda a parte, de que esta terra, retrograda entre as mais retrogradadas, era absolutamente inacessivel ás ideias de progresso e de liberdade.

A recepção a Leonardo Coimbra, o cortejo ao cemiterio, a sessão solene no teatro e o banquete no Hotel do Toural, foram simplesmente imponentes, e a razão foi porque o povo apareceu e a sua alma vibrou, compreendendo enfim que é na Republica que a nossa Patria pode progredir, voltando ao antigo esplendor de outr'ora.

O cortejo ao cemiterio, ouvimo-lo de pessoas imparciais, foi tão grandioso como nunca depois do enterro de Sarmiento outro semelhante se realizára. Ali falaram, junto das sepulturas de Antonio Madureira, Francisco Roriz e Nicolau Sobrinho, martires do dezembrismo, os srs. Mariano Felgueiras, em nome do Partido Republicano Português, Luis Garcia, em nome do Partido Socialista, Antonio Lopes de Carvalho, em nome da Cantina Escolar e por ultimo Leonardo Coimbra que proferiu uma eloquentissima oração que calou profundamente no espirito do grande numero de trabalhadores que ali se encontrava.

A recepção de Leonardo Coimbra no velho Centro Republicano de Guimarães, verdadeiro templo onde com mais fé e acrisolado amor se venera e exalta a Republica, revestiu tambem um entusiasmo inexcelsavel. Falou em nome da direcção o sr. Mariano Felgueiras que disse, em breves palavras o que era e o que representava de esforço e amor pela Republica: aquela casa mostrando

como estava ali bem o grande filosofo, creador das ideias mais sublimes que á Republica tem dedicado o seu enorme valor, e que é já hoje uma das maiores glorias da intelectualidade mundial, o dr. Leonardo Coimbra.

No banquete, que foi animadissimo, dos mais entusiasticos a que temos assistido, fizeram-se afirmações politicas por parte do nosso amigo sr. Mariano Felgueiras, em nome do Partido Republicano Português, que mereceram o aplauso de todos os convivas e que foram depois corroboradas pelo sr. dr. Florencio Lobo em nome do grupo politico que ali representava.

Serviram essas afirmações de base para um soberbo discurso de Leonardo Coimbra em que definindo e exalçando a lealdade e a sinceridade, mostra em reptos da mais extraordinaria e bela das eloquencias quanto é necessario e util para a Republica que as afirmações ali feitas se traduzam em factos.

A vinda de Leonardo Coimbra a Guimarães foi lembrada á direcção do Centro Republicano de Guimarães pelos srs. dr. Henrique de Sá e David Oliveira, illustres professores do Liceu, a qual recebeu com entusiasmo a ideia daqueles bons e dedicados republicanos. Organizados em comissão a que se agregaram os directores das Escolas Industrial e Primaria Superior de Guimarães, administrador do concelho e presidente da Camara, conseguiram a acquiescencia do sr. Leonardo Coimbra em vir a Guimarães e de quanto valeu esta feliz iniciativa, pode fazer-se uma leve ideia pelo relato do nosso colega portuense «A Tribuna» que passamos a transcrever:

«Muito antes das 12 horas, estava tomada a «gare» da estação de cidadão vimaranenses que esperavam o sr. dr. Leonardo Coimbra que ali ia fazer uma conferencia a convite de todos os republicanos.

Quando entrou nas agulhas o comboio, milhares de cidadãos aclamaram a Republica, o dr. Leonardo Coimbra, enquanto a banda marcial, que na estação se encontrava, fazia ouvir os

acordos da «Portuguesa» juntos a um numero estralajar de foguetes.

Torna-se difficil o movimento na «gare». Cá fóra uma multidão imensa associa-se ás manifestações.

Organiza-se o cortejo

O dr. Leonardo Coimbra, juntamente com a comissão que tinha vindo esperá-lo a meio do caminho, é rodado pela academia que formou com as suas capas um círculo dentro do qual vão até ao hotel do Toural.

Segue-se a multidão que não cessa de aclamar a Republica, vendo-se representado todo o elemento official da cidade de Guimarães.

Da varanda do hotel, Leonardo Coimbra diz, na sua frase de verdadeiro orador, a sua confiança na Republica que assim vive na alma do Povo. Ela será eterna, sejam quais forem os erros dos homens que não sabem traduzir a vontade popular, sua unica e verdadeira força.

O cortejo ao Cemiterio

Pouco depois estava organizado o cortejo que ia ao cemiterio depôr flores sobre as campas das victimas do dezembrismo.

Partiu do Centro Democratico, tendo-se incorporado milhares de cidadãos com tudo que tem representação em Guimarães, prevalecendo, como é natural, o operariado. No cemiterio fizeram uso da palavra representantes de todas as correntes politicas, todos tendo exaltado a memoria das victimas e mostrado a hediondez desse movimento que foi o mais perigoso golpe, até hoje vibrado na Republica.

Leonardo Coimbra fala em frente da campa dum operario tambem vitima do dezembrismo. Faz a apologia dos herois humildes e do trabalho, para uma Republica mais igualitaria e mais justa.

No Centro Democratico

Dirige-se depois o cortejo para o Centro Democratico. Ai enche-se a sala, principalmente de estudantes. Leonardo Coimbra, num discurso cheio de entusiasmo e de beleza, fala á mocidade.

Pinta-nos, em caricatura, o estudante integralista sem consciencia do seu papel, voltado para o passado, contemplando uma vida a que não sabe dar a devida grandezza forte. Mostra como o papel da mocidade está sendo deturpado por quem deseja amordaçar o vigor e adormecer as grandes forças da mesma mocidade, esperança da continuacão das virtudes da raça. Pede que não poupem, seja quem fór, pois só assim o seu esforço será dado á Patria e por ela aproveitado. Num sublime gesto de orador, não quere que a mocidade deixe de passar por cima dele, quando o seu excesso de vida assim o exija.

O orador é frequentemente interrompido por longas apoteoses. Vêm-se lagrimas em muitos estudantes e a lição foi, com certeza, aproveitada. Sente-se a voz da verdade que ainda não

tinha sido ouvida, novos protestos de sinceridade foram ali feitos nas consciencias de cada um.

A conferencia

Deviam ser 18 horas e meia quando, no teatro de D. Afonso Henriques, literalmente cheio, se adianta o presidente do Centro Republicano Democratico de Guimarães, propondo para presidir áquella festa o sr. administrador do concelho.

Tomando a presidencia, diz que de todos é já conhecido o orador, fazendo o seu elogio e espraiando-se em considerações tendentes a mostrar o valor da raça portuguesa. Da em seguida a palavra ao dr. Leonardo Coimbra.

O illustre orador faz uma eloquente oração, falando do «espirito republicano».

Começa por mostrar como a vida é uma permanente luta para a consciencia, como as formulas politicas não podem parar na sua evoluçã, pois que todas são uma conquista para uma melhor justiça, para uma mais alta beleza.

Não se pode parar sem o perigo da morte. Monarquia ou Republica, desde que o seu espirito não seja para uma melhor adaptacão ao Universo, para atender a todas as necessidades que a consciencia humana vai adquirindo, criando, são formulas mortas que nada podem, condenadas, portanto.

Faz em seguida o elogio da heroicidade humilde, da maior heroicidade, que é a daqueles que permanentemente quere ser melhores, trabalhando sempre para um ideal com humildade.

Frequentemente aplaudido, o orador deseja que todos se esforcem pela vitoria da vida mais alta, mais justa, mais bela, unica maneira de dar sentido a uma Republica democratica como a nossa. No final, é delirantemente ovacionado.

O banquete

Foi em seguida oferecido um banquete, de cerca de 100 talheres, ao sr. dr. Leonardo Coimbra, no hotel do Toural, ao mesmo tempo que outros republicanos, em numero superior a 80, confraternizavam igualmente.

Reinou sempre um grande entusiasmo. A banda maretal fez ouvir, durante o banquete, varios trechos de musica. Iniciou os brindes o presidente do Centro Republicano Democratico de Guimarães.

Falaram, depois, todos os representantes dos varios partidos politicos, bem como os representantes do elemento official. Todos afirmaram o seu amor á Republica e a sua admiracão pelo sr. dr. Leonardo Coimbra, a quem agradeciam a extraordinaria lição que ali veio fazer, mostrando a possibilidade do accordo entre os republicanos.

Usa, finalmente da palavra o sr. dr. Leonardo Coimbra. Ouvido com toda a atençã, mostra como é possivel a união de todos os republicanos. Ha, em todos os credos politicos, pontos em que todos estão de acordo.

Mostra que a massa popular, detentora das virtudes republicanas, precisa de não obedecer cegamente a chefes que a não sabem representar, e como deve passar por cima deles, quando porventura isso se dêr; como é possivel a união dos republicanos conscientes, como ali se verifica; sabendo todos o que desejam. Faz a apologia da sinceridade, mostrando a sua força, outro tanto dizendo da humildade, pela qual devemos ser tolerantes. O seu discurso é cortado de aplausos a cada passo.

A jornada a Guimarães é uma prova evidente do amor do povo á Republica e mostra o quanto de slutar são estas festas. Convençãem-se todos os republicanos que, com festas destas, já se tinham desfeito os variados equívocos que ainda existem entre republicanos, reparando-os, e inutilizando o esforço de todos.

Leonardo Coimbra prestou um relevantissimo serviço á Republica. Oxalá que seja aproveitado e seu esforço e que se não descanse na propaganda do verdadeiro espirito democratico».

Um grupo de republicanos que não podiam, por motivos estranhos á sua vontade, assistir ao banquete, reuniu-se num jantar mais modesto num dos restaurantes desta cidade, tendo tido a gentileza de, no final desse jantar comparecer no Hotel do Toural, na sala onde se estava realizando o banquete, na altura dos brindes, associando-se desta forma, ás grandiosas manifestações de fé republicana que ali se produziram.

São dignos de todo o elogio pela maneira como trataram de todos os assuntos referentes ás festas realizadas, sendo inexcelsaveis em actividade e entusiasmo, os nossos amigos srs. Antonio Francisco Ferreira de Castro, presidente da direcção do Centro Republicano e Francisco Gonçalves da Cunha, secretario da assembleia geral.

Ao banquete assistiram os seguintes cavalheiros:

Mariano Felgueiras, major Faria Blanc, major Martins Ferreira, capitão Barreira, tenente Bacalar, alferes Malheiro, alferes Rogerio, capitão Pina Guimarães, tenente Salgado, Dr. David da Silva Oliveira, reitor do Liceu; Dr. Oliveira e Sá, professor do Liceu; Dr. Duarte Pinheiro, professor do Liceu; Dr. Filinto Vieira da Costa, professor do Liceu; dr. João de Almeida, professor do Liceu; José Luis de Pina, professor do Liceu; Dr. Florencio Lobo director da Escola Primaria Superior; Padre Francisco

AVANTE!

Liberdade! Brado que em si encerra e traduz amor e vida, força e beleza, e que todos os povos e que todas as eras veem lançando, qual bronzia catapulta, á face biliosa da prepotencia, que a ambição e a fereza humana geraram!

Palavra que é um mundo de palavras; ideia, germen de um mundo de ideias, ouviu-se, ribombou um dia — sei lá quando... — e ecôa ainda, e ecoará sempre, ouvir-se ha eternamente porque eternamente o homem buscará a sua perfectibilidade, lutará pela perfectibilidade da especie! Contra ella, contra essa aspiração maxima da humanidade, que podem tronos se nada puderam altares, que podem reis se nada puderam deuses?

Tirem aos homens a fé em dias melhores, a crença no progresso, a esperança da liberdade e a vida — convicto o digo — despir-se ha de tudo o que a anima e embeleza, de tudo o que a torna defensavel, desejada.

Liberdade! Germen do Heroismo e da Bondade, da Força e da Paz, brado de amor e justiça que enches de prodigios as paginas da nossa historia, desde S. Mamede até Monsanto, que podem contra ti as arremetidas traiçoeiras, dos que para vassallos nasceram? ... Que podem contra ti a ambição e egoismo de tiranos? ...

Da tua senda, semeada de sacrificios mas aureolada pela gloria, quem pode desviar-te, afastar-te um pouco que sejas? Não te desviaste quando, ante ti, uma falange de deuses se ergueu; não te afastarás agora, que uma horda de retrogrados, adeptos do servilismo, te surge em frente.

A caravana ha-de passar; tu passarás, ainda que peze aos mastins da reacção. Nós passaremos, nós os homens da Rotunda e de Monsanto, em busca do norte que nos aponta, nesta ansia sempre viva e sempre crescente de te darmos com a vida a certeza da nossa fé!

PLAUTO.

Capitão Mario Cardoso

Foi ultimamente nomeado professor provisorio do Liceu Central de Martins Sarmiento o nosso querido amigo e illustre capitão de infantaria 20 sr. Mario de Vasconcelos Cardoso a quem, por tal motivo, apresentamos as nossas mais sinceras felicitações.

já, e por forma tão entusiastica, se podem fazer festas republicanas e gloria áqueles que as promoveram e que tem com o seu grande esforço e indefectível fé na Republica, conseguido democratizar o nosso povo.

Morreu o Carnaval!

Ha uns anos para cá, o Carnaval não tem podido cabriolar pantoneiramente por essas ruas, no andrajoso cortejo desfilado e longo de precissão pandemonica, exhibindo num relaxamento de gosto todas as misérias esfarrapadas, escaucarando potridões e chafurdando na porcaria de todos os vicios.

O Carnaval de ha meia duzia de anos era todo um cortejo nejeito de miséria moral, era um grilo da arrogancia a desaiar a pobreza caída e mergulhada na cortimenta do seu desespero e da sua arrebia, era uma fanfarrada de vozes em grita no delirio folgazão de três dias cheios de farfura, entornados de vinho e encadeados de surpresas, era a desinteligencia, a anarquia, a confusão, a balburdia, espicçadas pelo calor da luta, pela cobardia do disfarce, a dirigir insultos e obscenidades, depravando costumes, esfrangalhando a moral e desrespeitando a lei.

Não precisavam proibir o Carnaval.

Ha quatro anos que ele vai morrendo, pobre e abatido, no lento definhado duma dura pena da castigo.

E lembrando se do que foi reinado e folgazão, limpo, decente e bem educado, o jogral lecto que fazia reviver as scenas extravagantes do seu reino pagão de pantomima, entristecido ao ver se corribido á batata por aqueles mesmos que o emporcalharam e desmorabizaram, e encarando os homens com desprezo, faz com que des se reconheçam, avergonhadamente, uns má-carados sem mascara vivendo um Carnaval pagado de rogabofa, do exhibicionismo luxuosos, de lutas feroces de insultos, arrogando a mapeata quando a ambição os atiga para a apañha negativa das malhas que caem da boca do pibiro, quando nas horas famintas ribba uma côlea rapada e seca.

O Carnaval é hoje bem diverso e outro; é a luta do homem contra o homem num disfarce regalado de mascara expressiva que a todos os manejos se molda, é a subida de muitos, mudando de estado o posição, apurando de roupa, pondo colarinhos e gravata e comprando pó de arroz e carmin para as suas mulhoreas colorirem as faces desbotadas, encaixando-as dentro de cartuchos de tecidos vaporosos, peitos ao ar e cabellos amarfalhados nas copas óvais de chapoletes espigados.

E enquanto este cortejo de entrada, limpamente disfarçado e atrevidamente arrogante passa dia a dia, hora a hora, outro ainda, senão de carnaval pelo menos de miséria desfilá dia a dia, hora a hora, cada vez mais numeroso, é o cortejo dos corridos da sorte, farrapos embandeirados cobrindo como que em irrisão nas corpos chupados e ossudos, de mascaras encarruilladas das privações e dos desesperos travados com a fome, as faces desbotadas, o olhar cavado e mortigo, o dorso abatido numa prostração miseravel e humilhante.

Por isso o Carnaval dos três dias de calendario teria infalivelmente de desaparecer, porque a alegria foge quando a tristeza chega, quanto a fúrida aumenta e a incerteza avoluma e o sobresalto reina.

Ainda que apparecesse, por desforço, por pirraça, mascara afivelada e gesto largo, seria uma provocação, um insulto á gente desgraçada que andrajosamente palmita as ruas da cidade nos dias feriados, no pedinte amanho duns cobrês para enganar passageiramente a fome de todos os dias, as privações de todas as horas.

O Carnaval morreu depois do ter triunfado noutros tempos ja distantes, quando o gosto ainda não corrompido, embora exigente na apresentação extravagante das exhibições, se apresentava gracioso e faceito, num reletro profundo de

Noticiario

Confeitaria Chave d'Ouro

Realizou-se no sabado passado, pelas 20 horas e meia, a inauguração deste novo estabelecimento de confeitaria e pastelaria, na Avenida Candido dos Reis, onde primorosamente se serve chá, café, chocolate e «lunchs» e para a qual, gentilmente, foram convidados os representantes da imprensa, sendo-lhes oferecido, pelo seu digno proprietario, o nosso amigo sr. Adelino Vilela, um delicado e abundante serviço de que fizeram parte os mais finos artigos do fabrico da sua casa.

Brindaram, fazendo votos pelas prosperidades do novo estabelecimento os representantes dos jornais «Diario de Noticias», de Lisboa, «O Primeiro de Janeiro», e «Jornal de Noticias», do Porto, e semanarios locais «Gil Vicente», «Alvorada» e «A Velha Guarda», aos quais o sr. Vilela agradeceu, brindando á imprensa e afirmando que se esforçará sempre por bem servir o publico vimezanense.

Os productos da Chave d'Ouro são de um fabrico esmeradissimo e as suas instalações, de um cubo e simplicidade modernas, são atraentes e confortaveis.

«A Velha Guarda», desejando ao novo estabelecimento, que fica sob a gerencia do socio sr. Domingos Gonçalves da Silva as maiores prosperidades, agradece pehorada a amabilidade do convite que lhe foi feito.

segura verdade, num traço fugidillo de caricatura leve, no desempenho passageiro duma scena flagrante, mas bem educado e bem posto na pompa e realce dos vestuarios casquilhos, multicores e tintantes, onde chamavam, confundindo-se em iris, as lentejoulas variadas, os vidrilhos furta-côres e es trenas brilhantes.

Mas como tudo tende a tomar feição nova, o Entrudo que seguiu rigorosamente a sua historia e o seu extravagante ritual de culto pagão, nos capricha-nos em dar-lhe um caracter muito especial, e imprimindo-lhe o nervosismo do nosso temperamento azougado, irrequieto e leviano, vestimo-lo á nossa vontade e atiramos com elle por ai fora, andrajoso, sujo, a cair de bebado, num enfadonho voseirar de palavrões soprados em falso.

Atigado, corram-no á batatada, e éle, cortado do momento, como um absoluto rei da lenda, lamentou o desleixo a que os homens o volaram, quiz desaparecer, fugir, mas por amor á tradição e lá vinha todos os anos, não já um folgazão irrequieto mas um escravo submisso da onda revolucionaria do povo, e cada vez mais rôto, mais decado, mais velho, mais esfrangalhado.

Pobra entrudo!

Este ano quiz ainda apparecer mas foi prezo, vinha no proposito louco de rir com a sua miséria de disfarce, da miséria socegada que se desfilava a pena, e que todos os dias, todas as horas, no lamentado podir, chora a desgraça dum viver tão longo e custoso...

Desgraçado Entrudo! Morren.

SERRA CARVALHAL.

Por falta de espaço deixamos de inserir este artigo no nosso numero passado, do que pedimos desculpa ao seu talentoso autor.

Carta

Com pedido de publicidade, recebemos do ex.^{mo} sr. Reitor do Liceu Central Martins Sarmiento, a seguinte carta:

... Sr. Director.—Na passada torça feira, pelas 13 30 horas, foi-me entregue, como presidente que sou do Conselho Administrativo do Liceu Central de Martins Sarmiento, pelos ex.^{mos} srs. Jeronimo Simões, Padre Alfredo Correia e José Luis de Paiva, delegados dos ex.^{mos} srs. «estudantes velhos», a quantia de 600\$16, producto de uma receita dada por ocasião das tradicionais Festas Nicolinas, destinado pelos mesmos ex.^{mos} srs. a ser applicado em melhorar as condições didacticas e pedagogicas deste estabelecimento de ensino.

Como a actos de tanta filantropia convem dar a maior publicidade e para que todos o possam testemunhar, a V... pedimos a especial e subida flaeza de o inserir nas columnas do seu estimado jornal e com éle a expressão do profundo e sincero reconhecimento do corpo docente deste Liceu aos ex.^{mos} srs. «estudantes velhos».

Guimarães, 4 de Fevereiro de 1921.—David da Silva Oliveira, Reitor do Liceu Central de Martins Sarmiento.

Fernando da Costa Freitas

Este nosso prezado amigo, filho do notavel e saudoso medico vimaranense dr. Avelino Germano da Costa Freitas, acaba de ser eleito socio do Instituto de Coimbra, tendo servido de base á sua candidatura as suas três novelas vimaranenses: «A Antiga Portuguesa», «D. Frei Tirso de Guimarães» e «Barão da Caldeirã».

«A Velha Cuarda» felicita S. Ex.^a por esta justa e alta distincção.

Obituario

D. Emilia Adelaide de Magalhães Brandão

Na sua casa da rua de Camões, desta cidade, faleceu no dia 14 do corrente, a sr.^a D. Emilia Adelaide de Magalhães Brandão, de 85 anos, viuva, proprietaria. A extinta senhora era mãe do nosso amigo sr. Manuel Augusto Saraiva Brandão, importante proprietario em Mondim de Basto e do sr. Padre Francisco Saraiva, residente nesta cidade.

A familia enlutada, especializando o nosso amigo sr. Manuel Saraiva Brandão, a expressão sincera da nossa viva condolencia.

ANUNCIOS

Leilão de penhores

No dia 20 de março, pelas 9 horas da manhã, na casa penhorista da rua do Gravaador Molariano n.^o 39 a 43, junto ao tribunal desta cidade (antiga casa Veloso), proceder-se há o leilão dos penhores abandonados.

Pede-se aos srs. mutuarios o favor de pagarem os juros em debito até ao dia 10 do referido mês.

Guimarães, 10 de Fevereiro de 1921.

Os proprietarios, Ernesto Teibão & Comandita.

de Almeida, professor da Esc. Prim. Sup.; Mario Menezes, prof. da Esc. Pr. Sup.; Padre Alfredo Correia, prof. da Esc. Pr. Sup.; Arnaldo Alpoim, aman. da E. P. S.; Dr. José Monteiro de Oliveira, medico do Internato; Manuel da Costa Pedroso, director do Intern. Municipal; José Fernandes Guimarães, negociante; Manuel Ferreira Guimarães, proprietario; José Pinheiro, vereador municipal; Dr. Alfredo Pinto de Souza Castro, medico; Antonio José Pereira Rodrigues, industr.; Antonio de Jesus Teixeira, industr.; José Fernandes Ribeiro Gomes, secretario da Adm. da Concelho; Francisco Gonçalves da Cunha, amanuense da Adm.; José de Souza Roriz, aman. da Adm.; Abel Cardoso, director da Esc. Industrial Francisco de Holanda; A. J. Ferreira da Cunha, negoc.; Abel de Oliveira Bastos, industr.; Armando da Costa Nogueira, escr. de direito; José Neves Pereira, vereador munic.; Adriano Tropa de Oliveira Ramos, vereador munic.; Ermanno Nogueira, negoc.; Agostinho de Oliveira Bastos, escr. de direito; Dr. Jeronimo Mathias da Rocha, advogado; Antonio Lage Jordão, industr.; Dias da Silva, prof. da E. P. S.; Manuel Jesus de Souza, farmacoutico; Dr. Antonio Francisco Portas, adv.; Agostinho Fernandes Rocha, negoc.; João Carneira da Silva, chefe da Estação Telegrafica Postal; Alvaro de Oliveira Guimarães, empr. com.; Avelino Meireles, negoc.; Arnaldo Moutinho, negoc.; Alberto Teixeira Carneiro, industr.; Joaquim da Silva Leite, industr.; Antonio Ferreira, empr. com.; João da Silva Marques Junior, industr.; José Machado, capit.; Pereira Leite, capit.; José Martins, negoc. do Porto; Morgado de Celeiros; Alvaro Dias Pereira, propr.; Francisco Meira, industr.; José dos Reis Teixeira, industr.; Antonio de Souza Guise, neg.; Ernesto Silva, fotogr.; Avelino Ferreira Guimarães, industr.; Amadeu José de Almeida, prof. da Esc. Pr. Sup.; alfores Vilaça, comandante da secção da G. Repub.; Joaquim d'Almeida Guimarães, prof.; Guilherme Alberto Rodrigues, contados do juizo de Direito desta comarca; Antonio Barbosa Abreu Guimarães, ajudante do Reg. Civil.

No lugar de honra sentava-se o sr. dr. Leonardo Coimbra, que tinha á sua direita os srs. Duarte Fraga, administrador do concelho, Mario Felgueiras, presidente da Comissão Municipal do Partido Republicano Português, Abel Cardoso, director da Escola Industrial e á esquerda os srs. Antonio Ferreira de Castro, presidente da direcção do Centro Republicano de Guimarães e dr. Florencio Lobo, director da Esc. Prim. Sup. de Guimarães. Em frente ao sr. dr. Leonardo Coimbra sentava-se o sr. dr. Manuel Bernardino de Araujo Abreu, presidente da Camara Municipal, que tinha á sua direita os srs. coronel Alcino Machado, comandante militar e Antonio Lopes de Carvalho, representando a Com. Exec. da Camara e á esquerda os srs. dr. Americo Maltez, delegado do Procurador da Republica e dr. Antonio Portas.

Tambem no lugar de Covas se realizaram festas comemorativas do 13 de Fevereiro, promovidas pelo nosso prezante correligionario sr. Francisco Gonçalves Guimarães e nas Taipas pelo nosso querido amigo e correligionario dr. Alfredo Fernandes. Unas e outras decorreram brilhantissimas. Honra a Guimarães onde